

POR UMA GEOGRAFIA SUBVERSIVA

FOR A SUBVERSIVE GEOGRAPHY

*Paulo Miranda Favero**

Geografia é amor¹

Resumo: O presente artigo tenta analisar o atual momento da AGB e da Geografia. Parte de angústias e inquietações presentes em vários momentos da vida acadêmica e, apesar de individual, faz parte de uma vivência coletiva. Não traz soluções, mas não desiste de encontrá-las.

Abstract: This article tries to analyze the current moment of the AGB and Geography. It comes from afflictions and fidgets that appears at some moments of the academic life and, although individual, are part of a collective experience. It does not bring solutions, but it does not give up to find them.

Tenho a impressão de que a Geografia está cada vez mais reacionária. Mesmo com todo o movimento que traz 1978 como data emblemática - mas que começou a ser potencializado um pouco antes -, os anos se passaram e parece que temos uma volta ao passado conservador. Fico imaginando se não tivéssemos tido aquele movimento... Talvez a Geografia tivesse virado qualquer coisa menos ciência. A adoção do marxismo como teoria e prática teve um efeito devastador - no bom sentido - em uma ciência conservadora. Mas agora parece que a Geografia perdeu um pouco do fôlego da transformação. A teoria é trocada pela técnica, as divisões da ciência são cada vez mais fragmentadas e a relação de poder que foi questionada pelos estudantes ainda impera na academia. "À medida

* Estudante de Pós-Graduação em Geografia Humana na FFLCH/USP. E-mail: paulofavero@usp.br.

¹ Lema que muitos estudantes de Geografia cantam em seus encontros, criado por um grupo de São Paulo intitulado MACD.

que o homem desenvolve sua capacidade de argumentar, ele se volta quase imediatamente contra a autoridade e assim surge o protesto, a desobediência e finalmente a revolta.”² (WOODCOCK, 1983, p. 100).

Claro que temos ótimos trabalhos e pessoas sérias no meio geográfico. Mas talvez seja necessário um novo choque, mais forte e profundo do que o de 1978. Anselm Jappe coloca que “o sentido da provocação é superar o princípio da passividade do espectador” (1999, p. 72). E é exatamente esta a idéia deste artigo. Polemizar no sentido de abrir o debate, de fazer uma discussão sobre os rumos da Geografia. Trinta anos se passaram desde 1978 e muita coisa mudou, mas outras permaneceram intactas. A intenção é colocar dúvidas e questionamentos para pensarmos em conjunto nossos rumos.

Talvez o primeiro ponto de decadência da Geografia seja o fim dos debates - ou embates, como preferirem. Faz tempo que não se pode discordar na academia, que se ensina a passar a mão na cabeça do outro mesmo que não se concorde com ele. Temos muito a aprender com Guy Debord: “O espectador é suposto ignorante de tudo, não merecedor de nada. Quem fica sempre olhando, para saber o que vem depois, nunca age: assim deve ser o bom espectador” (1997, p. 183). Ele continua, em outro momento: “A preguiça do espectador é a mesma de qualquer intelectual, do especialista formado às pressas, que vai sempre tentar esconder os limites restritos de seus conhecimentos através da repetição dogmática de algum ilógico argumento de autoridade” (DEBORD, 1997, p. 189).

A chance de transformação social volta a ficar mais distante e a Geografia está apenas reproduzindo o que já existe e não se confrontando com a realidade. É preciso uma Geografia que subverta a ordem das coisas, que pule o muro da universidade, que extrapole as fronteiras dos Estados e que seja crítica diante das corporações predatórias.

APROPRIAÇÃO X CONSUMO DA AGB

Recentemente, um movimento de estudantes decidiu novamente discutir as estruturas da AGB e a relação entre os associados. Chamado de

² Citação que se refere ao pensamento de Proudhon.

“AGB pra Quem?”, ele surgiu no 53º Conselho Nacional das Entidades de Estudantes de Geografia³, o Conegeo, numa tentativa de politizar ainda mais o debate do “Movimento Sem Crachá” feito no Encontro Nacional de Geógrafos de 2002, em João Pessoa. Aliás, o 53º Conegeo foi realizado em Goiânia com a presença de oito escolas (UEG, UFG, UNB, PUC-SP, USP, UFF, UFV, FFP-UERJ e UCSAL), sendo que boa parte dos estudantes do Sudeste foram de Kombi até Goiânia. Já no percurso entre São Paulo e Goiás, muita coisa foi sendo pensada e gestada. Mas a discussão em torno do “AGB pra Quem?” surgiu após um debate⁴, no conselho, sobre os rumos que estavam sendo tomados para a realização do VI Congresso Brasileiro de Geógrafos, que seria na mesma Goiânia semanas depois.

No ponto de pauta sobre o VI CBG, a discussão foi no sentido de pensar qual a necessidade de existir uma AGB. Era mais ou menos o “AGB Pra Quê?”. Mas a partir disso, e da convicção de todos os presentes da real necessidade desta associação, de caráter técnico, científico, cultural e acadêmico, a pergunta tomou outro formato: “AGB pra Quem?”. A angústia girava em torno de questões como o alto preço da inscrição no encontro, a terceirização na organização do evento, o compromisso político dos convidados em relação à AGB e a função social da entidade. Foi feito também um *mea culpa* dos estudantes em relação à sua participação na entidade - que parecia claro naquele momento que era aberta a todos.

É preciso que os estudantes participem mais deste movimento cultural que se chama AGB. Que preencham todos os espaços e participem das seções locais, RGC's, encontros, congressos e do futuro da entidade. (...) Pra quem é uma AGB que terceiriza parte dos serviços de organização de um encontro porque sabe que não poderá contar com pessoas suficientes para ajudá-la? Pra quem é um encontro que custa valores fora da realidade econômica brasileira (...)? Por que o estudante não se sente identificado com a entidade?⁵

³ O 53º Conegeo foi realizado de 11 a 13 de junho de 2004.

⁴ A discussão em torno dos rumos do encontro já havia sido discutida preliminarmente em algumas escolas, como a UFF, PUC-SP, USP e UERJ-FFP, que trouxeram elementos de seus estudantes para o aprofundamento da discussão no Conselho.

⁵ Trecho do Manifesto do Movimento AGB Pra Quem?.

A intenção do “AGB pra Quem?” foi, enfim, tentar buscar uma superação do “Movimento Sem Crachá” e aproximar os estudantes da estrutura da entidade, buscando uma maior identificação com a AGB, que resultasse em maior participação. A idéia era, através da crítica, colocar em crise a entidade e tentar construir uma outra AGB, com maior possibilidade de ação de um lado em relação ao outro. O movimento “AGB pra Quem?” lançou dois manifestos polêmicos no VI CBG, circulou adesivos confeccionados pelos próprios estudantes através da Coneeg (Confederação Nacional das Entidades de Estudantes de Geografia) e ainda se debruçou sobre a discussão estatutária para ter argumentos sólidos nesse embate⁶. Acredito que este movimento tenha sido fundamental para uma pequena renovação da AGB e para a revitalização da identificação dos estudantes com a entidade. Depois do VI CBG, muitos alunos de graduação e pós-graduação se aproximaram de suas seções locais e se apropriaram desse espaço.

A intenção deste manifesto é fazer refletir sobre que tipo de encontro é necessário. E para quem... Talvez as questões não sejam fáceis de serem respondidas. Mas o único fato é que é preciso repensar os rumos da entidade. Talvez uma outra AGB seja possível. Uma que tenha mais compromisso com a sociedade do que com órgãos profissionais. Que valorize aqueles com compromisso político com a entidade e não os medalhões do ensino. Que escolha o caminho da construção coletiva e promoção do conhecimento científico e não o da produtividade e eficiência. E com tudo isso, a real participação dos estudantes se torna imprescindível.⁷

É cedo para analisar com mais profundidade o impacto do “AGB pra Quem?” no cotidiano da entidade, mas percebe-se uma significativa diferença entre aqueles que querem se apropriar da AGB e aqueles que querem apenas consumi-la. Esse consumo da entidade também pode ser confundido com apropriação: uma pessoa usa a entidade para se autopromover, para ganhar benefícios, para sobressair academicamente... E isso não deixa de ser consumo. Outro ponto que depois muitos estudantes perceberam é que, nas seções locais, no discurso todos são iguais, mas na prática alguns são mais iguais que os outros, desviando

⁶ Tendo inclusive conduzido um mini-curso sobre esta temática.

⁷ Trecho do Manifesto do Movimento AGB Pra Quem?.

um termo cunhado por George Orwell em *A Revolução dos Bichos*. A possibilidade de participação em algumas seções locais da AGB não está dada e é preciso conquistar isso com outro pé na porta, como ocorreu no final da década de 1970. Infelizmente, ainda impera uma estrutura de poder que impossibilita o acesso de muitos.



Ilustração 1. Adesivo do Movimento AGB Pra Quem? que circulou no VI CBG.

TRANSFORMAÇÃO PELA VIA ACADÊMICA

Para que a Geografia possa propor transformações, é necessário também pensar em subversões no ensino, pesquisa e extensão nas universidades brasileiras. Atualmente, percebe-se um ensino que fragmenta cada vez mais a interpretação do real, com disciplinas superespecializadas e restritas. A pesquisa também é feita às pressas, com o tempo de duração de mestrado e doutorado seguindo o ritmo empresarial, com teses tornando-se mercadorias e com cursos de graduação à distância ou que têm a função de “jogar” para o mercado de trabalho pessoas despreparadas, tendo como um dos objetivos mais esdrúxulos melhorar as estatísticas de nível superior no Brasil. Já a extensão praticamente não existe, já que em uma “fábrica” - como pode ser considerada a maioria das universidades - isso não tem muito sentido.

Talvez essas tenham sido as aflições que levaram o geógrafo William Bunge a buscar novas metodologias de investigação. Em plena década de 1960, ele criou a Expedição Geográfica de Detroit (DGE).

Partindo de sua experiência como morador no bairro, predominantemente negro, de Fitzgerald, em Detroit, um bairro em processo de “guetização”, com forte especulação imobiliária e alta repressão social, Bunge procurou aplicar seus conhecimentos geográficos a serviço da comunidade. Assim, ele se colocou primeiramente à disposição das organizações comunitárias já existentes, tratando de ganhar sua confiança, averiguando quais eram suas prioridades e problemas sobressalentes e procurando logo encontrar formas de resolvê-los ou de lutar contra eles utilizando as ferramentas de sua profissão. Logo ele se deu conta de que seus vizinhos sabiam muito mais que ele sobre o bairro e passou a coletar informações, a reconstruir a história do bairro e foi até a direção da comunidade, utilizando e desenvolvendo este conhecimento coletivo. Começou a ensinar a esses geógrafos populares e espontâneos, de maneira informal, certos métodos geográficos e como utilizá-los na luta pela conservação e proteção do bairro, que estava à mercê dos urbanistas e proprietários (MATTSON, 1978).

Este trabalho de campo que usava a pesquisa participativa tinha um duplo enfoque, pois ao mesmo tempo em que os jovens locais queriam aprender com Bill Bunge, eles também tinham muito a ensinar para o “professor”. E ainda poderiam usar as coisas que aprendiam em sua própria comunidade, até como defesa. Em um primeiro momento a Universidade de Michigan apoiou o projeto, inclusive financeiramente. Mas depois, quando o projeto contava com a participação militante de outros professores e havia um intercâmbio de informações, com alunos da universidade indo para os guetos aprender com os moradores locais, a universidade retirou o apoio e deu um ultimato a Bunge. Mas o geógrafo ignorou a ordem e manteve sua prática, que condizia com sua teoria. Acabou sendo expulso da universidade, ficou por um tempo fazendo grupos de estudos na porta do estabelecimento de ensino, até que se mudou para o Canadá e virou taxista. Até deu aulas em algumas universidades canadenses, mas dizia que a profissão de taxista era excelente para o geógrafo conhecer o espaço.

Jane Jacobs, que previu a crise das cidades americanas, teve de deixar o seu país para poder viver e trabalhar. Um outro, preocupado pelas qualidades inatas do homem, sofrido pelas tricas e intrigas de que a Universidade infelizmente estão cheias, quase perde a razão. William Bunge, o primeiro dos filósofos-geógrafos desde o pós-Guerra, dirige táxis na cidade de Toronto porque nenhuma Universidade lhe oferece um lugar para trabalhar. Ele pensou que era lícito defender uma nova aurora para as crianças dos bairros pobres, os homens dos guetos, os pobres de toda

cor, mas sobretudo, os negros. Foi abatido pelos seus próprios colegas (SANTOS, 1979, p. 48).

A experiência de Bunge mostra como é possível unir o trinômio ensino-pesquisa-extensão na Geografia. Mas ela também coloca em dúvida até que ponto se pode buscar uma Geografia subversiva por dentro da universidade. Mais do que exemplos, ele também mostra os limites de uma pesquisa participativa, que não pode se transformar em atividades paternalistas, turísticas ou de vanguardismo político.

Se dentro da universidade esse tipo de exercício da profissão de geógrafo se torna complicado, talvez possa ocorrer através da AGB e de suas seções locais. É dessa forma que a Geografia tem de ir para as ruas, ocupar os becos, invadir as empresas. Tem de ser irreverente, contestar os governos e não ser servil ao Estado. Atualmente, o produtivismo dita o ritmo da ciência. As pessoas querem publicar, mas não querem discutir. Às vezes parece que ninguém está preocupado com os rumos da Geografia, com sua fragmentação, com seu tecnicismo sem embasamento teórico. É preciso, pelo menos, perturbar o que já existe e criou raízes profundas dentro da ciência geográfica. É necessário revolver toda a ciência geográfica, de baixo para cima, para que uma revolução no conhecimento se concretize. "Se falsifica tudo, o espetáculo falsifica também a crítica social chegando até mesmo a encorajar a elaboração de uma 'crítica social *domesticada*', fornecendo, aos que não se contentam com explicações habituais, informações reservadas às quais sempre faltará o essencial" (JAPPE, 1999, p. 155).

Uma das principais tarefas dos geógrafos neste mundo regido pelo espetáculo é procurar a radicalidade da crítica, pois só assim não ficaremos parados no meio do caminho. Tem de ser uma tarefa cotidiana. Os situacionistas perceberam desde cedo que as técnicas produziam formas de alienação. Então, traçaram como objetivo apoderar-se da técnica para buscar a transformação. A cartografia seria uma ótima forma de utilização das técnicas, por ser uma linguagem acessível e reveladora.

O geógrafo Daison da Paz, em sua monografia de conclusão de curso, procurou mapear os imóveis desocupados na região central de Porto Alegre. Além das poucas informações conseguidas no governo do município, buscou alternativas para fazer o mapeamento, usando critérios como: fornecimento de água e luz, estado de conservação, pichações e grafiteagem, anúncios de aluguel e venda, estado do jardim, caixa de

correspondência cheia, informações dos vizinhos, entre outros. Com esse incrível trabalho de campo, ele conseguiu criar um mapa sobre a densidade de imóveis desocupados e suas respectivas localizações. “[...] Faz-se necessário tecer propostas com o intuito de minimizar os problemas de falta de moradia em Porto Alegre. Não recorrendo à boa vontade da iniciativa privada nem da morosidade das políticas públicas governamentais, mas sim na capacidade política e de organização das classes diretamente afetadas pelo déficit de moradia: ocupantes de áreas de risco ou sobre ecossistemas frágeis, moradores de cortiços e favelas espalhados pela cidade, dependentes da casa da mamãe e moradores de rua. Oferecendo a estes possibilidades estratégicas de ação para a conquista da moradia decente e bem localizada” (PAZ, 2004, p. 7).

Esse é um bom exemplo de pesquisa que pode ser usada para a transformação social e felizmente não é único. Mas infelizmente, em um mundo cada vez mais sem trabalho, boa parte dos geógrafos procura se adequar às exigências de um mercado de trabalho em extinção e realiza trabalhos que não questionam a nossa realidade. “[...] O desemprego é real e, ao mesmo tempo, aparência, de um fenômeno ainda mais amplo, a crise do trabalho, de modo geral. Trata-se de uma crise de emprego reveladora de que o processo do capital inclui, junto com a necessidade do trabalho, a sua destituição, negação” (2006, p. 3).

Diante das necessidades mercadológicas, muitos pensadores se transformam em especialistas e rumam para um tecnicismo exacerbado. “Temos de contribuir para a sociedade, não para o mercado de trabalho... A principal causa não resolvida são os currículos. De modo geral, os nossos estudantes entram na faculdade para serem deformados e completamos a deformação na carreira docente”, disse Milton Santos, em uma entrevista para Paulo César Scarim no anexo da dissertação *Coetâneos da Crítica* (2000, p. 295).

Ninguém quer, com isso, descartar a necessidade de trabalhar. Mas seria hipocrisia dizer que qualquer curso ou qualquer currículo garantirá emprego no futuro para o geógrafo ou que ele será bem preparado para o mercado de trabalho. Para isso existem os cursos profissionalizantes, que preferem a ilusão de que podem garantir emprego para o futuro das pessoas. Anselm Jappe vai além em sua crítica: “Quando se está cercado por milhões de desempregados, poder permanecer na cadeia de montagem torna-se uma bênção; e, em semelhante situação, nunca é difícil

encontrar pelegos” (1999, p. 185). Assim como Guy Debord: “Quando a todo-poderosa economia enlouqueceu - *e os tempos espetaculares são exatamente isso* -, ela suprimiu os últimos vestígios da autonomia científica, tanto no plano metodológico quanto no plano das condições práticas das atividades dos “pesquisadores”. Já não se pede à ciência que compreenda o mundo ou o torne melhor. Pede-se que ela justifique instantaneamente tudo o que é feito” (1997, p. 197-198).

30 ANOS DEPOIS...

O movimento de 1978 na Geografia foi fundamental para a transformação da ciência, mas ela precisa de um novo combustível. É necessário se apropriar das pesquisas para ir contra a reprodução deste mundo desigual. Proudhon, quando foi eleito parlamentar, confessou tempos depois que sofreu muito por ter perdido o contato com as massas. Lamentou ter sido absorvido em seu trabalho e perdeu de vista os acontecimentos. Bakunin, ainda no século XIX, percebeu que a relação de poder criava as desigualdades sociais e buscava métodos para se contrapor às injustiças: “O mundo inteiro entendeu que a liberdade não passa de uma mentira, quando a grande maioria da população está condenada a viver na pobreza e quando, privada de educação, lazer e pão, seu destino é servir de degrau para os ricos e poderosos” (WOODCOCK, 1983, p. 136).

A academia também apresenta seus degraus e muitos se engalfinham para chegar mais alto, mesmo que isso faça com que outros sirvam de degraus. Essa lógica começa na graduação e é reforçada na pós-graduação. As “exigências” da vida acadêmica são as desculpas da falta de ética, da falta de consideração com o próximo, da preguiça intelectual e da exaltação do produtivismo. Talvez haja um limite para buscar mudanças pela via acadêmica. Ou esse limite precisa ser rompido na construção de um outro “mundo acadêmico”. Se o projeto “de superar a economia e de apossar-se da história precisa conhecer - e trazer para si - a ciência da sociedade, ele não pode ser em si *científico*. Neste último movimento que acreditou dominar a história atual por um conhecimento científico, o ponto de vista revolucionário permaneceu *burguês*” (DEBORD, 1997, p. 54).

A AGB pode vir a ter todas as condições para exercer um papel preponderante nesta lógica, mas muito precisa ser mudado. Pode fazer um diálogo subversivo com a Academia, tentando colocar em crise os limites

de atuação estabelecidos. Infelizmente, muitas vezes a AGB é instrumentalizada para a lógica do produtivismo e temos de rejeitar isso. Além disso, a entidade dos geógrafos deve também repensar seus encontros, que são momentos de potencialização das atividades realizadas ou por realizar. Houve um processo de inversão e ela acabou se tornando seus próprios encontros.

De acordo com o que se espera de um evento democrático e comprometido com uma reflexão profunda e complexa a respeito da realidade - e que não se transfigure em apenas uma oportunidade de engordar currículos -, os Encontros Nacionais de Geógrafos devem se configurar como espaços abertos à discussão ampla e efetiva dos temas que importam à Associação dos Geógrafos Brasileiros tanto em sentido mais restrito, como em relação às diretrizes e ao funcionamento da entidade, quanto em sentido mais amplo, como no que se refere à reflexão sobre a sociedade em que vivemos e a que queremos construir - reflexão sem a qual, importa dizer, torna-se impossível traçar os rumos da entidade com alguma coerência.

No objetivo amplo da AGB de produzir e fomentar a reflexão acadêmico-cultural e a crítica à sociedade, é inconcebível que se adotem posturas impostas por uma realidade mercadológica - à qual ela deve fazer a crítica, e não se submeter. Uma associação do caráter da AGB é, e deve continuar sendo, um espaço (um dos poucos espaços, aliás, ao lado da universidade pública) onde seja possível praticar minimamente a crítica e o pensamento livre.

Em 1978, os estudantes, muitos dos quais são hoje nossos professores, usaram o Encontro para transformar a AGB e a Geografia brasileira. Algumas estruturas de poder da AGB foram mudadas e o marxismo, enfim, conseguiu entrar na Geografia. Talvez agora possamos ir além, transformando mais ainda a AGB, a Geografia e, por consequência, o mundo a nossa volta. É necessário uma outra relação com a nossa Associação, para que ela não seja usada apenas para consumo e para a realização de encontros-espetáculo. O encontro tem de servir de estopim para transformações maiores e ao mesmo tempo ser um aglutinador das discussões que são feitas antes de sua realização. Acho que um pouco de subversão não faz mal a ninguém. Muito menos à Geografia.

REFERÊNCIAS

ALFREDO, Anselmo; BAITZ, Ricardo; BRANQUINHO, Evânio dos Santos; DAMIANI, Amélia Luisa; GONÇALVES, Jean Pires de Azevedo; MARINI, Luciano; ROCHA, Alexandre Souza da; SILVA, Flávia Elaine da; e SILVA, Márcio Rufino. *O futuro do trabalho*: Elementos para a discussão das taxas de mais-valia e de lucro. São Paulo: AGB-SP, Labur/Programa de Pós-graduação em Geografia Humana, Departamento de Geografia, FFLCH/USP, 2006, 1ª edição.

DEBORD, Guy. *Sociedade do Espetáculo*. Comentários Sobre a Sociedade do Espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.

JAPPE, Anselm. *Guy Debord*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

MATTSON, Kirk. *Una Introduccion a la Geografía Radical*. Cuadernos Críticos de Geografía Humana. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1978.

PAZ, Daison da. *Território e movimentos sociais*: a luta por moradia na região central de Porto Alegre. Trabalho de Graduação. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

SANTOS, Milton. A responsabilidade social dos geógrafos. In: *Território Livre*. Upege, São Paulo, 1979, p. 41-49, nº 1.

SCARIM, Paulo Cesar. *Coetâneos da crítica*: contribuição ao estudo do movimento de renovação da geografia brasileira. 2000. 591 f (incluindo anexo de entrevistas). Dissertação (Mestrado em Geografia) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

WOODCOCK, George. *Anarquismo* - Uma história das idéias e movimentos libertários. Porto Alegre: L&PM Editores, 1983, vol. I.

